

Por Dr. Lauro Arruda Câmara, cardiologista

Maria Augusta Generoso Estrela: a primeira médica brasileira

Nascida em 10 de abril de 1860, na cidade do Rio de Janeiro, filha Maria Luiza e Albino Augusto Generoso Estrela, os dois portugueses. O pai era representante comercial do laboratório farmacêutico Bristol. Recebeu educação elementar no colégio de Madame Gross, destinado à educação de moças, que funcionava no bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Depois foi interna no Colégio Brasileiro, e com apenas 13 anos interrompeu os estudos e viajou a Portugal, onde por seis meses permaneceu no colégio Villa Real, no Funchal, Ilha da Madeira. No mesmo ano retornou ao Brasil, numa acidentada viagem a bordo do vapor Flamsteed . Após três dias de viagem, ocorreu uma colisão com o couraçado inglês Blorimphon, que destruiu os camarotes da família Generoso, por imperícia do capitão Brown. Maria Augusta, ao desembarcar no Brasil, foi homenageada por heroísmo pelos oficiais ingleses , porque insistiu para que o comandante solicitasse socorro ao navio avariado, salvando a todos.

Em 1874, voltou a ser interna do Colégio Brasileiro. Gostava de ler revistas e jornais, principalmente dos Estados Unidos da América (EUA). Chamou-lhe atenção, num desses periódicos, a foto e a biografia de uma jovem que estudava medicina em Nova Iorque. Mostrou a reportagem ao seu pai e demonstrou seu desejo de se formar em medicina. Como no Brasil as faculdades não permitiam o ingresso de mulheres, ela insistiu para que seu pai lhe permitisse estudar no exterior , a fim de clinicar no Brasil. Em março de 1875, partiu do Rio de Janeiro, no navio South America, rumo à Nova Iorque. Nos EUA, frequentou o curso preparatório para a escola de medicina na Academia St. Louis, em Oswego-Nova York, transferindo-se depois para o colégio Mease, na cidade de Nova York. Em 8 de setembro, inscreveu-se para prestar exames na *New York Medical College and Hospital for Women* , situada na avenida *Lexington* . Porém, seu requerimento foi indeferido por não ter a idade de 18 anos exigida para o ingresso na faculdade. Não desanimando, fez nova petição para expor oralmente seus motivos para se matricular - argumentou que, apesar da pouca idade, dispunha dos requisitos intelectuais para cursar a faculdade. Perante médicos, médicas e alunas da instituição, questionou o indeferimento de sua petição. Sensibilizados com sua argumentação, os membros da congregação marcaram os exames para o mês seguinte. Brilhante, inteligente e preparada, não deixou dúvida aos examinadores e foi aprovada com distinção. Na semana seguinte, em 17 de outubro de 1876, aos dezesseis anos, matriculou-se no *New York Medical College and Hospital for Women*, uma faculdade de medicina exclusivamente voltada para as mulheres. Mas nessa época, infelizmente, a Companhia Bristol fechou sua representação no Brasil, ficando seu pai sem condições financeiras de mantê-la em Nova Iorque. Desde o início seus passos foram acompanhados pela imprensa brasileira, que publicava relatos periódicos da vida acadêmica e pessoal da menina prodígio no exterior. Ao tomar conhecimento da situação, o imperador D. Pedro II ordenou por decreto, em 1877, a constituição de uma bolsa suficiente para pagar a faculdade (100\$000 réis por mês) e cobrir gastos gerais (300\$000 réis por ano). Maria Augusta concluiu o curso em 1879, mas não tinha a idade exigida pelos estatutos da faculdade para receber o diploma. Assim , aguardou dois anos para completar a maioridade e receber o grau de doutora em medicina e frequentou cursos e estagiou em diversos serviços médicos. Somente em 1879 o Governo Brasileiro abriu as instituições de ensino superior às mulheres, em decorrência da Reforma Leôncio de Carvalho, pelo Decreto no 7.247, de 19 de abril. Os últimos meses de estudos, em 1879, foram trágicos para Maria Augusta, que, ao realizar uma necropsia, feriu-se acidentalmente com o bisturi. A

infecção instalou-se de imediato e o tratamento foi penoso e demorado, uma vez que ainda não existiam os antibióticos. Em agosto de 1880, outro duro golpe do destino a atingiu: a morte de seu pai, seu grande incentivador. A ela se juntou uma segunda jovem colega de faculdade, a pernambucana Josefa Agueda Felisbella Mercedes de Oliveira. As duas fundaram em 1881, em Nova Iorque, um jornal denominado “A Mulher” – destinado aos interesses e direitos da mulher brasileira, era um periódico ilustrado de literatura e belas artes que era distribuído para as redações dos principais jornais brasileiros.

Maria Augusta recebeu o diploma de doutora em medicina do *New York Medical College and Hospital for Women, na Association Hall of New York* em 1881, sendo ela a oradora da turma. Foi agraciada com uma medalha de ouro pelo melhor desempenho durante o curso e por sua magnífica tese: Moléstias da Pele. Permaneceu mais um ano nos EUA para aperfeiçoamentos, patrocinada pelo governo brasileiro.

Retornou ao Brasil em 10 de novembro de 1882, recebeu muitas homenagens e foi recebida em audiência pelo Imperador do Brasil, que a aconselhou a se dedicar aos cuidados de senhoras. Submeteu-se aos exames na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para validar o seu diploma, sendo aprovada sem dificuldade. Maria Augusta dominava quatro idiomas além do português: inglês, francês, espanhol e alemão. Sentiu-se gratificada pelo sacrifício dos anos longe da família e do seu país ao constatar várias jovens brasileiras matriculadas nos cursos de medicina. A primeira mulher formada em medicina no Brasil foi a gaúcha Rita Lobato Velho Lopes, pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1887.

Em 1884, Maria Augusta conheceu o alagoano Antônio Costa Moraes, de 38 anos, formado em farmácia pela Universidade de Leipzig, Alemanha, proprietário da Farmácia Normal. Apaixonados, casaram-se no mesmo ano. Seu marido, ciumento, muitas vezes tentou sem sucesso fazê-la largar a profissão. Continuou clinicando numa das salas da farmácia, atendendo mulheres e crianças, e atendia gratuitamente aos pobres. Teve cinco filhos: Samuel, Matilde, Bárbara, Luciano e Antônio. Ficou viúva em 1908 e então teve que reduzir os atendimentos para se dedicar à criação dos filhos, porém continuou estudando e clinicando. Muitas vezes era chamada por colegas para discutir casos de difícil diagnóstico. Manteve-se lúcida até o dia de sua súbita morte, em 18 de abril de 1946, dez dias após completar 86 anos. É nome de rua em Poços de Caldas(MG) e Porto Alegre(RS) e patronesse da cadeira nº64 da Academia de Medicina de São Paulo.